

# O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

31. PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. DEZEMBRO 2, 1837.



FESTA TURCA.

## FUNCCÕES TURCAS.

A INDOLENCIA dos turcos é proverbial. Custa a descrever a gravidade, e apathia fleumatica, que constituem as feições distinctivas do seu character: todas as suas maneiras e costumes encaminham-se a nutrir, especialmente nas classes mais subidas, um amor quasi invencivel das commodidades, e do ocio voluptuoso. Parece que a sua unica regra geral é nunca se incommodarem por cousas, que lhes seja possivel mandar fazer por outrem; e a observam exactissimamente, até nas minimas bagatellas da vida domestica. Um nobre turco, que se ageita e encosta no canto d'um sophá, faz seu fincapé de grandeza em não bolir-se dalli; e gravissimo, e de summa importancia será o negocio, que o obrigue a largar a postura. Se carece de qualquer objecto, ainda que esteja alli ao pé, chama os escravos batendo as palmas, como nós usamos tocar a campainha, e ordena-lhes que lh'o tragam: offenderia a sua dignidade se se erguesse a ir toma-lo. Este habito de inacção reina do mesmo modo no sexo feminino: uma senhora turca não erguerá um lenço, que lhe caia, tendo servo que lh'o apanhe.

Aquelle, que possui porporções para passar a vida sem trabalhar, fecha o círculo da existencia n'uma absoluto ociosidade: a sua principal occupação é fumar em um cachimbo, ou *chibucque*, como lhe chamam; e leva neste divertimento horas a fio. Sae de casa ás vezes, e vai até o botequim, onde se apega novamente ao cachimbo, e bebe sua taça de caffè: passeia affectando dignidade, com passo vagoroso, porte mui direito, e olhar grave; — nem olha para os lados, apenas se digna lançar a vista sobre os objectos, que lhe atravessam o caminho. E' porém extraordinario, que com tal habito de viver, não falte aos turcos distinctos o vigor corporal, e a susceptibilidade de supportar fadigas; porque quando teem de fazer longas jornadas, como, por exemplo, indo tomar conta do governo d'alguma provincia remota, andam a cavallo centos de leguas sem mostras de cansaço.

Os divertimentos deste povo são mui limitados, e adequados ao seu character. Não teem jogos, ou espectaculos publicos — nem outros meios de diversão, de que usam muitas nações [vid. Panorama N. 20, pag. 157]; e são-lhes desconhecidas as representações dramaticas. Em algumas occasiões o sultão recrea os seus vassallos com a funcção do *Djerid*, ou justas dos turcos, e outros divertimentos executados em campo descoberto: e concorre sempre grande tropel de povo a aproveitar-se da bondade do grão-senhor. O Dr. Madden presenciou uma destas festividades, dada em honra do nascimento d'um principe imperial; e diz que nunca assistiu a um espectáculo tão solemne, e variado, como o que offerecia a immensa multidão de gente por esse motivo congregada, e que subia a mais de sessenta mil pessoas d'ambos os sexos, e de todas as diversidades de trajos orientaes, assentadas pelos lados obliquos d'um amphitheatro natural, presidindo o sultão, magnificamente vestido, e com uma luzida comitiva d'escravos brancos e pretos. Centenares de cavalleiros galopavam na planicie para uma, e outra parte, brandindo ao acaso o *djerid* [especie de caceete curto], ora assaltando os que lhes estavam mais proximos, ora perseguindo os desarmados. A destreza dos combatentes, evitando estes arremessos, é grandissima; ainda que nestes jogos algumas vidas se perdem, e alguns damnos acontecem. Nunca porém os accidentes funestos interrompem os brincos, que proseguem regularmente. Depois do *djerid* vieram os luctadores, nus até a cintura, e untados d'azeite: prostraram-se varias vezes ante o sultão, e começaram a mostrar sua pericia. Toda a sua industria

consiste em se atracarem pelas cadeiras; o que tem mais força faz perder campo ao adversario, e o derriba, cahindo com todo o vigor sobre elle. A musica ajudava a dissipar o enfadamento, em quanto não occorria algum desastre: até que, por fim, um miseravel ficou espantosamente estropiado, e foi recolhido do campo, ao som de estrepitosos applausos ao vencedor. Seguiu-se o combate do urso; mas o animal, que tiraram ao terreiro, estava pouco de maré para pelejar, e debalde os cães lhe arremeteram. Durante todos estes passatempos os escravos iam, e vinham das chusmas para o sultão, trazendo petições, que o grão-senhor não deixava de acceitar; mas de raro achava tempo para as lêr. A retirada do urso pacífico findou estes brincos brutaes, e todos, á excepção das amizades do morto, e dois feridos, davam mostras de se haverem recreado grandemente.

Todos os raros divertimentos deste povo teem o mesmo ferrete de barbaridade. As suas recreações sociaes são muito poucas. Difficil é fazer idéa do modo porque os turcos d'ambos os sexos passam o tempo em casa. Alguns delles são em verdade estudiosos, ainda que a pluralidade mais se occupa em negocios de dinheiros, e de interesse pessoal. Quando estão dispostos a entreterem-se, as suas diversões são contar historias, e bons dictos, e jogar o xadrez, ou as damas, e ás vezes vêr os dançarinos, e musicos, que ganham a sua vida exercitando suas respectivas profissões em varios sitios da capital. Quando jogam é por mero divertimento: ninguem detestam tanto como quem joga a dinheiro; — teem-no por peor que um ladrão de estrada, e creem que o seu crime receberá no futuro severissimo castigo.

Os seus contos, e dictos, são chocarrices grosseiras, e plebeias, e se algum da companhia não tem graça para isso, toca esta tarefa a algum familiar, ou grego, ou armenio, ou judeu. O contador se põe no meio da casa, e alli repete o seu sarapatel; entretanto o grave turco vai fumando em seu cachimbo ao canto do sophá, e larga de quando em quando uma risada desenxabida. Ás vezes o buffão recebe a paga de suas graçolas em maus tratos de todo o calibre, e não poucas sae com os queixos e ventas em sangue.

As danças, e as musicas são prohibidas pela lei musulmana; pelo menos tal é a interpretação, que lhe dão os seus commentadores, fundados nas tradições de seu propheta. Todavia existem nas grandes cidades bandos de dançarinos, e musicos; mas só apparecem em occasiões solemnes, e são admittidos ás casas particulares unicamente nos casos de grandes festejos. Os dançarinos são quasi exclusivamente gregos; é raro ver musulmanos entre elles. Parece comtudo estranho [a não dar-se como causal o absoluto desprezo dos turcos para com os gregos, que avassallaram] como nascendo ambos estes povos no mesmo clima, e vivendo misturados ha tantos seculos, ainda não adoptaram uns a hilaridade dos outros, vendo os turcos entregues os gregos de continuo a musicas, cantorias, e danças, sem que se resolvam a fazer coro com elles na mesma folia. Porém quando um turco opulento dá uma funcção a seus amigos pelo successo feliz de um nascimento, ou d'um matrimonio na familia, os bandos de dançarinos são divertimento de tarifa, e ainda que se não distinguam por elegancia, ou graciosidade, são accommodados ao gosto dos espectadores, e sempre applaudidos. Em Constantinopola as paragens frequentadas pelos pelotiqueiros, musicos, dançarinos, e caturras são os botequins, especialmente no bairro de Galata.

A nossa gravura representa um divertimento destes, presenciado pelo viajante francez, Mr. Choiseul-Gouffier, e que foi dado pelo agá, ou governador tur-

co de Eski-Hissar, povoação situada onde era a antiga cidade de Estratonica, na Asia Menor, ou Anatólia. Nesta occasião a récita de versos precedeu á dança.

#### BARBAS E BARBEAR.

Sobre as vantagens comparativas de usar a barba crescida, ou cortada, não é facil decidir. A favor das barbas tem-se argumentado com dizer que, se a natureza nos deu este adorno, é para que o usemos, e por que, segundo affirma Tertulliano, o corta-las "é blasphemar contra o rosto." Certo é que uma barba povoada, e bem penteada accrescenta a gravidade do aspecto, e, mais que tudo, dá grande expressão aos olhos. Se compararmos retratos barbados, a outros sem barbas, acharemos que a vantagem toda fica aos primeiros. Na Turquia é impossivel comparar os homens, que se vão arranjando á europea, e fazem a barba, com os afferrados a esta e ao trajo nacional, sem conhecer que aquelles são [para nos servirmos de um simile oriental] gallinbas depennadas, comparados com estes. Falla-se muito do aspecto nobre e magestoso dos turcos; mas a maior parte da sua dignidade consiste nas barbas e vestuario. Afora estas considerações, note-se o incommodo de fazer a barba, o qual fez dizer a Seume, escriptor allemão, notando no seu *Diario* quando deixou de usar polvilhos—"Hoje dei-tei a borla dos pés pela janella fóra: quando chegará o bemdito dia, em que vá atraz della o estojo das navalhas!"

Ha quem por outro lado pondere, que tendo-se sempre usado o rapar as barbas, entre todos os povos, quando chegam a alto grau de civilisação, é porque se achou que o deixa-las crescer era incompativel com a delicadeza e apuro dessa civilisação. Accresce, que entre todas as nações barbadas, a barba gosou sempre de certa sanctidade, que a preservava de toda a casta de violação; e como a tendencia da civilisação é desarreigar as preoccupações, esta havia soffrer como as outras, e os homens andariam em continuo risco de gracejos pesados, e de brincos de mãos, a que um adorno tão conspicuo devia necessariamente convidar. Além disto, pôde-se perguntar se o cuidado que a barba exige para a conservar limpa e decente, não seria igual ao ter de a rapar? Pelo que toca ao aspecto, é indubitavel que o que perdem os olhos com a falta da barba, é plenamente compensado pelo que ganha a apparencia da boca. Em summa: pela experiencia de varios europeus, que tem usado de barbas em outras partes do mundo, o que se pôde concluir é, que a regra nesta materia, para cada um se barbear ou não, depende da conveniencia que dahi resultará para a sua idade, circumstancias, intentos, ou inclinações.

O costume de fazer as barbas provavelmente nasceu de se conhecer que nas batalhas o inimigo poderia segurar por alli o seu contrario. A esta causa se attribue o barbearem-se os gregos, no tempo de Alexandre; e com effeito vemos que em quasi todos os paizes tal costume começou pelos militares, e que os homens dados a trabalhos pacificos e ás lettras conservaram por mais tempo as barbas. Os gregos continuaram a barbear-se até o tempo de Justiniano, durante cujo reinado as barbas compridas tornaram a ter voga, e duraram até a tomada de Constantinopola pelos turcos. Parece que os romanos tomaram dos Sicilianos, que eram de raça grega, o uso de cortar as barbas; porque lemos em antigos auctores, que deste paiz foram mandados para Roma grande numero de barbeiros, no anno 296 antes de Christo; e que o apuro de fazer a barba todos os dias, foi in-

troduzido nada menos do que por Scipião Africano. Quando expirou a republica, as barbas compridas se tinham tornado rarissimas, e os historiadores mencionam o susto, em que viviam alguns imperadores, de que os barbeiros lhes cortassem as goellas. Hadriano, para disfarçar as cicatrizes que tinha no rosto, começou a usar de barbas, e isto tornou a dar-lhes voga; mas tal moda não lhe sobreviveu muito; posto que os dous immediatos successores de Hadriano usassem de barbas, como philosophos que eram. Entre os romanos o barbearem-se não começava com o despon-tar da barba; a mocidade usava-a crescida por algum tempo, e a primeira vez que se fazia era com grandes cerimoniaes. Faziam esta operação aos filhos de pessoas nobres pessoas ainda mais nobres do que elles, ficando por este acto paes adoptivos ou padrinhos dos recém-barbeados. Tal dia era um dia de festa: faziam-se visitações aos mancebos, que recebiam nesta occasião presentes dos seus amigos, e os cabellos cortados então eram solemnemente consagrados a alguma divindade—usualmente aos deuses penates.

As antigas nações da Allemanha cortavam a barba, salvo a do beigo superior, não consentindo, com-tudo, que os mancebos a cortassem, sem terem morto um inimigo em alguma batalha. Os godos, os francos, os gallos, e os bretões tambem usavam só de bigodes, que deixavam crescer descompassadamente. Os saxonios andavam de barba crescida; mas, quando se converteram ao christianismo, começaram os seculares a imitar o clero que a trazia rapada; apesar disto conservaram sempre bigodes. Os normandos cortavam a barba toda, e tinham tão grande teiró com a barba crescida, como um signal de miseria, que aonde quer que chegavam eram accessos apostolos da rasoura.

Entre nós as barbas se usaram desde o começo da monarchia até o tempo de elrei D. Duarte, em cujo reinado parece as traziam só os que eram militares, e os que andavam de lucto. Nos fins do seculo quinze, e em grande parte do seculo desesseis, tornaram a ser moda. Desde a usurpação dos Philippes as barbas portuguezas foram desapparecendo; e Fr. Gaspar de S. Bernardino, que escrevia por 1600, lamenta que os homens do seu tempo as tivessem mudado para as grandes trunfas que traziam na cabeça. — Por 1640 parece que as barbas quizeram resuscitar em Portugal; e D. Francisco Manoel moteja nos Apologos dialogaes daquelles que queriam fazer-se graves e respeitaveis, trazendo-as crescidas e penteadas... A moda não pegou, e as barbas foram desterradas, até os nossos dias. Durante a guerra civil de 1832 e 1833 os militares deixaram, geralmente, crescer as barbas, principalmente os do exercito libertador; mas, acabada a guerra, as barbas tem outra vez desapparecido.

Como acima dissemos, os Normandos faziam guerra crua ás barbas. Em consequencia disto, quando se assenhorearam de Inglaterra, tractaram de persuadir e obrigar os inglezes a rapar os bigodes. Cedeu o maior numero á necessidade; mas houve inglez cabeçudo, que antes quiz sair do seu paiz do que depenna-las. Voltaram, com-tudo, ainda dias serenos para as barbas inglezas. No 14.º seculo tornaram a ser moda, e continuaram a se-lo até o principio do 17.º Neste tempo começaram-se a aparar e encurtar, e brevemente as deixaram de todo, escapando só os bigodes. Estes mesmas foram a terra no principio do seculo 18.º

Na França o ultimo rei que usou de barbas foi Henrique 4.º Succedeu-lhe um menor imberbe: por lisonja a este os cortesãos cortaram as barbas, á excepção dos bigodes. Tocando depois a successão a ou-

tro menor, o costume prevaleceu, e até os bigodes desertaram por fim. Os hespanhoes começaram a barbear-se quando os inglezes e francezes ja iam deixando os bigodes. A subida de Philippe 5.<sup>o</sup>, principe barbeado, ao throno de Hespanha, deu cabo das barbas hespanholas. Com dor profunda os cortesãos imitaram o principe: o povo com mais profundo sentimento imitou os cortesãos. Este sentimento ainda é lembrado no proverbio castelhano, que diz: "Perdemos as barbas, perdemos a alma."

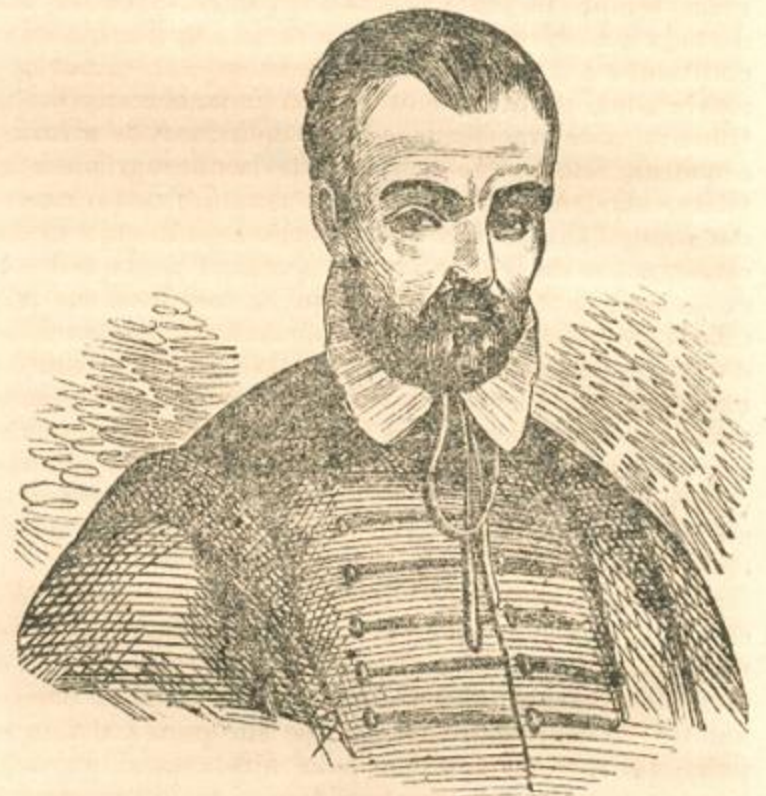
Pelo que toca ás barbas do clero, como as modas deste foram diversas das dos seculares, devemos falar dellas em separado. Varias vezes foi ordenado ao clero do occidente usasse de barbas, com o pretexto de que o barbear-se era um costume de homens afeminados, e que nas barbas estava a gravidade do character ecclesiastico: n'outras occasiões se ordenou que os ecclesiasticos se barbeassem, na idéa de que era mui provavel que a suberba se aninhasse debaixo de uma veneranda barba. Conta-se que Guilherme Duprat, bispo de Clermont, que assistiu ao concilio de Trento, e edificou o collegio dos jesuitas em París, tinha uma das mais formosas barbas nunca vistas. Era formosa de mais para um bispo; e os conegos da sua sé, reunidos em pleno capitulo, tomaram a barbara resolução de lh'a deitar abaixo. Em consequencia do que, a primeira vez que appareceu no côro, o deão, o arcipreste, e o chantre, se chegaram ao pé delle munidos de tesouras, navalhas, sabão, bacia, e agua quente. O bispo, vendo isto, tomou as de villa-diogo, e foi afferrolhar-se no castello de Beauregard, duas milhas distante de Clermont, onde caiu doente de afflicção, e onde brevemente morreu.

Segundo a regra de algumas ordens monasticas, os monges leigos eram obrigados a usar de barbas crescidas, e os de missa a barbearem-se. As barbas dos noviços eram bentas com muitas ceremonias; e ainda existem certas resas, que se diziam quando se offereciam ao ceu as barbas de qualquer sacerdote, e este se rapava pela primeira vez. Havia nos mosteiros casas destinadas a este mister, a que chamavam *casa de rasoura*. Os ecclesiasticos da igreja grega eram grandes fautores da barba; e quando entre esta e a igreja de Roma houve inteiro rompimento, os catholicos caíram mais decisivamente do que nunca no extremo opposto. Porém a disciplina sobre este objecto não esteve sempre em vigor, sobretudo pelo que respeita ás altas dignidades ecclesiasticas; porque depois disso vemos retratos de cardeaes e bispos com barbas. Os primeiros bispos da igreja protestante usavam commummente de barbas; mas o proprio Martim Lutthero, que tinha sido monge, apparece sempre retratado sem este enfeite.

#### CASAS DE NEVE.

AS HABITAÇÕES de inverno dos esquimáus que vem ás vezes a Churchill, são construidas de neve, e, ainda que impossivel isso pareça, são mui commodas e bem reparadas. Um delles edificou uma, a qual vimos fazer, e que vamos descrever. Tendo escolhido um sitio juncto ao rio, onde a neve tinha quasi dois pés de profundidade, e era sufficientemente compacta, elle começou a obra traçando um circulo de doze pés de diametro. A neve que ficou da parte de dentro do risco, foi então dividida, com uma faca larga de cabo comprido, em tiras de tres pés de comprido, seis pollegadas de largo e duas de alto, que era a grossura que tinha a neve. Estas tiras tinham consistencia bastante para se moverem, não só sem esboroarem, mas nem sequer se lhes quebrarem as arestas, sendo arre-

dondadas pelos topos, á feição do circulo d'onde eram tiradas. Foram depois empilhadas umas sobre outras, á maneira de fiadas de cantaria, pela linha circular que fora primeiramente traçada, terraplenando o esquimáu o leito de cada camada, e affeioando estas por tal modo, que o muro fosse ficando com uma leve inclinação para a parte de dentro. A abobada começou de golpe, ficando muito achatada, por serem cortadas as tiras de cima á maneira de cunhas. Ficou o tecto a oito pés d'altura do chão, e de fecho da abobada serviu um pedaço de neve de fórma conica. Trabalhou o esquimáu em toda esta obra sempre pela parte interior, e tal era o talho de cada tira de neve, que ficava assentada e fixa, sem lhe pôrem anteparo algum, até que lhe collocavam outra ao pé, ao que muito ajudava a levesa das tiras. Acabado de cubrir o edificio, o constructor deitou por cima alguma neve solta para vedar todas as fendas, e com a faca abriu no muro uma porta baixa. Formou depois uma especie de leito, mui bem esquadriado, como tiras de neve, que cubriu com uma delgada cama de vergon-teas, para que se não derretesse com o calor do corpo. Em cada um dos topos do leito alevantou um pilar de neve para lhes pôr em cima lanternas; e finalmente fez-lhe um alpendre á porta, e n'uma abertura que servia de janella metteu um pedaço de gelo transparente. A puresa da materia de que era construida a casa, a elegancia do feitio, e o diaphano das paredes que coavam uma claridade suave, lhe davam uma apparencia mui superior á de qualquer edificio de marmore; e alguém haveria que olhando para esta simples obra, experimentaria uma sensação semelhante á que produz o aspecto de um templo grego construido por Phidias; porque um e outro seriam monumentos d'arte, inimitaveis ambos no seu genero. — *Franklin. Viagem ao Mar do Polo.*



RETRATO DE MACHIAVELLO.

NICOLAU MACHIAVELLO.

1469 — 1527.

A PALAVRA *machiavellismo* é usada em todas as linguas da moderna Europa para indicar uma politica insidiosa, e iniqua, ou uma velbacaria, e intriga artificiosa. Deriva do nome de Machiavello por uma dessas injustiças que se transmittem por tradição, e

que a maioria acredita sem averiguar seus fundamentos. Segundo a accepção da palavra *machiavellismo*, os pouco vistos na historia assentarão que Machiavello era um perverso: para rehabilitar sua memoria entre os que assim ajuizarem, escreveremos aqui uma succinta biographia deste politico celebre.

Nicolo Machiavelli nasceu em Florença a 3 de Maio de 1469. A sua familia descendia dos antigos marquezes da Toscana, cujos dominios foram a pouco e pouco usurpados pela republica daquella cidade, nos fins do nono seculo. Treze vezes coube a esta familia a dignidade de *Gonfaloneiro da justiça*, que correspondia á de Doge; e por cincoenta e quatro vezes, em diversas epochas, a de entrar no conselho *dei Priori*, que era a suprema magistratura da republica.

Profunda obscuridade envolve a primeira idade de Machiavello: sabe-se apenas que aos desesseis annos ficou orphão de pae, e que findou seus estudos sob a tutela de sua mãe. Em 1494 foi confiado á protecção e desvelos do erudito Marcello Virgilio, que occupava um dos principaes cargos da chancellaria d'estado; com elle se instruiu nos negocios publicos, e, passados cinco annos, obteve por concurso a preferencia ao logar de chanceller da segunda chancellaria. Apenas empregado, logo por novo decreto o nomearam secretario do conselho dos Dez, ou do governo da republica. Nesse mesmo anno subiu Marcello á dignidade de chanceller-mór [*primario cancelliere*], cargo que conservou, como Machiavello o seu, até quando os Médicis, reintegrando-se em Florença, derribaram o governo, que tinha empregado aquelles. Em quatorze annos e cinco mezes que Machiavello serviu o seu cargo, desenvolveu toda a actividade de sua alma, e todos os recursos do seu talento. Sobre elle recaíam a correspondencia interior, e exterior do estado, a redacção dos assentos e deliberações do conselho, e a mais importante ainda, dos tractados concluidos com as potencias visinhas, e com os soberanos estrangeiros. Mas seus concidadãos não se limitaram a um emprego, para assim dizer-mos, esteril, da sua capacidade; quizeram recolher fructos mais immediatos do seu talento e habilidade, porque durante o exercicio de todas estas funcções, lhe confiaram vinte e tres embaixadas fóra, sendo quatro á França juncto a Luiz 12.<sup>o</sup> Em todas estas negociações, cujo exito extremamente importava á republica, soube sempre manter e defender os interesses, e decoro de sua patria. Se não pôde conseguir salvar o governo de Florença, a culpa foi da pouca energia, e do espirito de discordia, que reinava entre os habitantes. Todavia não cessou de empregar a influencia que tinha nos publicos negocios, para intentar o salvamento da liberdade do seu paiz; e, fossem quaes fossem os resultados de seus esforços, sempre lhe cabe a gloria de os haver praticado.

Voltando novamente Florença ao poder dos Médicis, mudou-se o governo; e Machiavello, depois de quatorze annos de uteis serviços, foi logo despojado do seu emprego, e dahi banido do territorio, defendendo-se-lhe saír do sitio assignalado para seu desterro. Foi este o começo de suas desventuras. Passado pouco tempo, alguns republicanos conspiraram para derribarem o novo governo, e restabelecerem a liberdade. Descoberta a conjuração, dois dos chefes foram degolados, e os cúmplices principaes sepultados em masmorras. Machiavello, por meras suspeitas, e sem contra elle haverem provas, foi posto a tratos, e soffreu, como elle proprio diz n'uma carta, quanto é possivel soffrer sem perder a vida. Nada porém revelou, ou fosse porque tivesse valor bastante para vencer a dor, e guardar segredo, ou porque realmente estivesse innocente, como sempre o afirmou. A final en-

trou na amnistia geral publicada por Leão decimo, que assignalou por este acto de clemencia a sua exaltação á cadeira pontificia.

Machiavello, posto em liberdade, não foi mais feliz. Era casado, e pae de muitos filhos; e seu desinteresse no exercicio do seu cargo lhe não adquiriu fortuna, pois saíu tão pobre como entrara. Procurou então consolar-se na solidão, e no estudo. Cabe aqui rectificar alguns juizos pronunciados sobre os escriptos deste homem celebre.

Fez-se um livro sobre as vicissitudes da fortuna de Aristoteles; outro se poderia fazer quasi semelhante ácerca de Machiavello. As suas obras ao principio fizeram pouca impressão: as tres principaes; a *Historia de Florença*, os *Discursos sobre Tito Livio*, e o *Principe*, appareceram annos depois da sua morte, com o privilegio do papa Clemente 7.<sup>o</sup>, um dos mais illustrados pontifices, que tomaram assento na cadeira de S. Pedro. Os successores de Clemente consentiram longo tempo na reimpressão destes livros, sem lhes acharem cousa contraria á moral, e á religião. Só no pontificado de Paulo 4.<sup>o</sup> o nome de Machiavello foi escripto no catalogo dos auctores prohibidos; mas era já tarde vedar livros reimpressos tantas vezes, e bem occulto devia estar nelles o veneno, visto que foi mister tamanho lapso de tempo para descobri-lo.

Se profundarmos os desenvolvimentos em que Machiavello estriba a maioria de seus principios, veremos despontar o seu verdadeiro pensamento, e nos admirará achar que este escriptor, a quem taxam de moral corrompida, [porque, expondo logo a questão friamente, e desacompanhada de louvor ou vituperio, parece rejeitar a idéa da virtude] nunca desampára o partido do bom, e do honesto. O fim do auctor do livro o *Principe* já hoje não pôde ser duvidoso. Sem fundamento pretendem alguns que esta obra era um laço armado aos Médicis afim de acelerar sua queda com o engodo do poder absoluto; sem fundamento ajuizam outros que o austero republicano alli fizera concessões pelas quaes o reputam fautor do despotismo. Aquelle tractado foi composto só com a intenção de provar aos Médicis que seu auctor soubera tirar partido da sua situação para adquirir profundos conhecimentos politicos, e que era digno de ser empregado pelos novos dominadores da sua patria.

Em 1523 rebentou em Florença nova revolução, e restabeleceu-se o governo popular. As esperanças de Machiavello, restituído ao paiz natal, se reanimaram. Quem teria direito melhor fundamentado ao publico reconhecimento? — Porém Machiavello obteve triste experiencia da ingratitude dos homens. As suas idéas lisongeiras se dissiparam; e aquelle, que supportára os tratos com tanta constancia, não pôde resistir ao desprezo, e esquecimento dos seus patricios. A magoa lhe alterou a saude; e pensou restabelecê-la tomando um remedio, que usava habitualmente para as dores d'estomago, que padecia, e consistia n'umas pilulas, que aconselhava a seus amigos, e que, dizia elle, o tinham ressuscitado. Mas desta vez foram inefficazes: com violentas dores d'entranhas expirou a 22 de junho de 1527, de 58 annos de idade. Proximo ao seu fim implorou os soccorros da religião, de que foi assistido até a morte. Grande devia ser o furor de seus inimigos, chegando a asseverar que morrera atheu declarado, e proferindo horriveis blasphemias: quando existem tantos testemunhos do contrario, despejado era propalar semelhante calumnia. Todavia em 1787, e governando o grão-duque Leopoldo, Florença, até então ingrata á memoria d'um dos seus mais insignes varões, erigiu a Machiavello um tumulo de marmore na igreja de *Santa-Croce*, ao pé dos monumentos de Miguel-Angelo, e de Galileu.

Machiavello é tido na Italia por um dos escriptores, que deram á lingua nacional mais energia, clareza, e naturalidade. O seu modo d'escrever affasta-se inteiramente do de seus contemporaneos. Ao passo que o Bembo, e o Guicciardini, se esmeravam em desenvolver os seus periodos, Machiavello, impellido pela impetuosidade de seu pensamento, despede a frase como se lhe offerece á mente, e não procura enfeita-la com pompas estranhas. E' digna de observar-se a analogia entre o seu estilo, e o de Montesquieu. Parece indubitavel que este publicista estudara Machiavello, a quem chama grande homem, na immortal obra do *Espirito das Leis*; e se lhe não fez especial justiça, confessando as obrigações em que lhe estava, seria pelo mau nome de que ainda gozava o secretario florentino.

Tem com tudo durado contra elle uma accusação terrivel, que fez o seu nome, como já dissemos, synonymo da perfidia e immoralidade politicas. Mas será cousa difficilissima apagar esta nodoa? — Porventura em materias governativas não existia o *machiavelismo* muito antes de Machiavello? — Todavia, senão é possivel dissipar inteiramente funestas prevenções contra os seus escriptos, elle achará talvez desculpa nos tempos em que viveu, e na situação em que se achou. A França vira a Luiz 11.<sup>o</sup> em seu throno; e a Inglaterra a Henrique 8.<sup>o</sup>, que fizera morrer no patibulo tres rainhas, esposas suas; e a séde pontificia estava deshonrada por Alexandre 6.<sup>o</sup>, esse Borgia de vergonhosa memoria. — Educado, por assim dizer, no meio do esquecimento de todos os principios de moral, e de justiça, lançado aos vinte e quatro annos na carreira dos publicos negocios, obrigado por suas missões a tractar com personagens, a quem a elevação não abrigava da corrupção, ser-lhe-ia necessario uma alma de bem extraordinaria energia, para não ser arrastado pela torrente do exemplo.

Em o numero dos antagonistas de Machiavello acham-se dois nomes de auctoridade. O primeiro é Frederico 2.<sup>o</sup>, monarcha guerreiro, philosopho, e litterato; e o segundo é Voltaire que empregou em publicar o *Anti-Machiavello* do principe real da Prussia aquella infatigavel actividade, que foi sempre o movel de suas acções. Esta empreza de dois adversarios, tão illustres, deve apontar-se como uma brilhante homenagem tributada á superior reputação de Machiavello, e como o complemento de todas as vicissitudes a que suas obras foram expostas.

#### DA PLANTAÇÃO D'ARVORES E MATTAS

A DEVASTAÇÃO das arvores, quasi geral em o nosso reino, principalmente em as provincias do sul, e o desleixo culpavel em substituir as que se arrancam, ou em amanhá-las poucas, que ficam, nos induz a escrevermos aqui breves reflexões, que não serão perdidas para os nossos compatriotas sensatos, e amigos do paiz. Parece que os frondosos e interessantes individuos do reino vegetal, apesar da sua belleza, e utilidade, incorreram no odio dos portuguezes: a guerra assoladora que lhes fazem parece acintosa. E com effeito causa dó ver desguarnecidos e despovoados os ribeiros, e rios caudaes, cujas margens apraziveis nos maiores orlaram de magestosos arvoredos. Desappareceu a sombra, a frescura, e o abrigo das aves: ribanceiras núsas, e aridas, fazem esmorecer a vista, e contristar o coração. Cerros, eminencias, e assomadas, vestidos d'antes com o manto verde-escuro das florestas, presentemente escalvadas, e ermas dos seus habitantes, enfastiam a quem as vê, e suscitam logo a penosa lembrança da carencia de lenhas, e

d'aguas, consequencias futuras, e inevitaveis de tão imprudente assolação.

O homem, que desafogadamente derriba uma arvore, sem a prévia cautela de plantar a sua substituta, devia reflectir ao menos que as utilidades que lhe resultam do tronco abatido o constituem na obrigação rigorosa de levar a seus vindouros iguaes vantagens. E quantas vezes a propria mão que semeia é a mesma, que recolhe? — Para ferrar um tenue trabalho privar-se de um lucro infallivel, só o faz um louco rematado. E se o que assim obra não cura da posteridade, não se pejando de allegar como causa de seus actos o interesse momentaneo, é um egoista pernicioso, que mal merece da sociedade commum, a quem tudo deve.

Bastará reconhecer algumas verdades incontestaveis, e lançar depois olhos para o futuro, para qualquer se capacitar de que não somos exaggerados. Os bosques e mattas influem grandemente na economia geral da natureza: os paizes, que os perderam, se esterilizarão, e despovoarão, como a Syria e a Palestina, a ilha de Chypre, &c. — Um territorio privado de mattas e florestas, também é falto d'humidade, agente poderosissimo da vida; não tem rios perennes, que fertilisem as terras, porque diminuem os orvalhos e chuvas; é exposto a trovoadas, que tudo arrazam, e o suão torra seus campos infecundos. Está calculado que uma arvore de dez annos distilla quasi insensivelmente cada dia mais de 30 libras d'agua, que diffunde ao redor de si; e que um chão despido, e desabrigado, de tres pés e meio quadrados, perde quotidianamente 30 onças d'agua. As arvores auxiliam a conservação da humidade do terreno, e derramam pelo estio a frescura do inverno: attraem os vapores, que em parte dissolvidos, caem em chuvas, em parte decompostos em gazes, purificam o ar: absorvem os miasmas dos charcos, e por isso nos campos abertos e calorosos de Portugal fervem sesões, e febres malignas, pela falta de bosques em paragens proprias, e de aguas correntes. As arvores sustentam as terras, e o *humus*, que resulta dos despojos de sua ramagem, augmenta e fecunda o solo. As alamedas das margens dos rios seguram as ribas, fortalecendo-as contra as cheias, oppondo-se a que as aguas minem os terrenos adjacentes; igual serviço prestam nas vallas, e tapumes. E sem fallarmos no recreio da vista, na frescura da sombra, na amenidade dos passeios, no pasto abundante; que muitas especies fornecem aos gados, basta considerar nas propriedades, que enumerámos; basta reflectir nestas duas palavras, *lenhas*, e *madeiras*, para que o homem assizado as estime, e julgue preciosas.

E se estas vantagens resultão de arvoredos limitados a um districto, o que não serão em ponto grande relativamente a um reino? Esses pinhaes, que ainda temos, não serão inutil testemunho. — Não ha-de um paiz, é bem certo, cobrir-se inteiramente de florestas; mas nós fallamos com a consciencia do quanto são estas diminutas em o nosso Portugal. Avaliou-se que o nosso paiz, em proporção com a sua superficie, e com os demais ramos de cultura, devia ter em mattas, ou bosques, 247 legoas quadradas de 18 ao grau. Um sabio nosso perguntava em 1815, *onde estão ellas?* — E nós podemos afoutamente renovar a pergunta.

Se quizessemos, em apoio desta doutrina, citar exemplos, bastaria o da illustrada França. Coalhado está o reino de pessoas, que a tem viajado, e digão; veem por cá o mesmo que a este respeito por lá observaram? — O sol nos tisna em nossas estradas meridionaes totalmente desabrigadas; e é bello viajar á sombra em grande parte da França. Este paiz tem

um código especial de mattas, recheado de disposições excellentes, e dignas d'imitação.

Finalmente hoje em o nosso paiz só póde ignorar a *sylvicultura* quem de nada quer saber. A nossa Academia das Sciencias publicou uma Memoria de seu illustre Socio, o Sr. José Bonifacio de Andrade, sobre a utilidade e necessidade do plantio de novos bosques em Portugal, a qual nos serviu de guia, e está cheia de noções, e doutrinas excellentes, tanto theoricas como practicas, sobre o assumpto; e alli vem um largo plano para melhorar nossas costas maritimas por via de plantações; e assim mais muitas cousas uteis, algumas das quaes aproveitaremos. A mesma Academia imprimiu novissimamente um Opusculo, e barato, o *Manual da cultura dos pinheiros*: a historia natural do pinheiro *Larix* está escripta pelo insigne Brotero; portanto quem desejar instruir-se nesta interessante materia tem, até entre nós, fontes a que recorra, sem o auxilio de idiomas estranhos.

#### INCENDIOS DOS BOSQUES NA SUECIA.

EXTRAHIREMOS a seguinte passagem da interessante viagem de Sir Arthur de Capell Brookes pela Suecia, Noruega, &c. ao Cabo do Norte.

—“Passámos por mui dilatadas porções de florestas consumidas pelo fogo, cujo aspecto nos penalizou em extremo. O formoso tapiz de verdura, sobre que d'antes a vista se espriava delectosa, tinha desaparecido: e só aqui e alli, dispersos, appareciam sobre o nivel das cinzas os troncos denegridos dos pinheiros queimados, como columnas de carvão. — Varias causas se podem assignar a estas conflagrações tão frequentes e devastadoras em o Norte da Europa. E' practica geral entre os camponezes, quando querem desbasta uma porção de bosque, largar-lhe o fogo. Assim forram o immenso trabalho de arrancar, e remover o matto fechado, e beneficiam o solo, que as cinzas vegetaes sobremaneira fertilisam. Porém frequentemente acontece, que, ou por não pôrem as necessarias cautellas, ou por fazerem a queimada na intensidade da estação calmosa, não podem conter o fogo nos limites, que intentavam, e este rapidamente se propaga por mais espaço do paiz, diffundindo estragos, e ruinas, conforme o grau de força do vento. Não poucas vezes estes incendios procedem da malicia, ou da vingança; e um exemplo me relataram de certo camponez, que pertendia um talhão de selva para desbasta, e cultivar, como geralmente concedem; porém que sendo-lhe recusada a pertença largou fogo a todo o bosque por vingança da repulsa. A violencia das chammas devastou muitas milhas, e grande lapso de tempo decorreu primeiro que o podessem atalhar. — Os raios tambem são frequentemente origem destes desastres, cahindo nos ramos seccos dos pinheiros velhos, e communicando-se pelos musgos, e mattos ressequidos. — Um rustico acaba de fumar, e por costume sacode as cinzas do cachimbo; por horas inteiras vão moendo os restos do lume, e calando nos mattos seccos: á menor viração, um pouco mais rija, a chamma esperta, desenvolve-se, e manifesta-se, quando já não póde soffocar-se; e assim começa, e progride a obra da destruição, oriunda do descuido d'um villão negligente.

Uma dilatada floresta do Norte, ardendo envolta em turbilhões de fumo, por onde rompem as chammas em oppostas direcções, amiudando-se os estalos das madeiras verdes, que parece gemerem pelo inevitavel estrago; o rouco sussurro dos ventos e das flammias; tudo isto combinado apresenta um espectáculo terrifico, mas sublime. O viajante, que vem ao

longe, e ignora a causa, vê com assombro brilhar de subito o horisonte avermelhado; e se infelizmente tem de passar pelo bosque incendiado, difficuloso lhe é escapar á furia das chammas. Cercado por todos os lados de arvores, que ameaçam proxima queda, escondendo-lhe o caminho a fumaça, e o lume, suspende-se embaraçado, e não sabe se avançará, se recuará. Se o vento se levanta, muge a vasta floresta; e rebentam milheiros de explosões; se o vento abranda, prolonga-se um forte murmurio, condensam-se as nuvens de fumo, e parece reprimir-se o incendio, mas para d'ahi a pouco reviver com duplicado vigor. Os mansos habitantes da selva, expulsos dos covis bravios, onde viviam quietos, fogem sem tino ao irresistivel inimigo; e os lobos, e os ursos, forçados a saírem dos seus escondrijos para as habitações dos homens, exhalando clamores dissonantes, e temerosos, vingam-se em desesperados ataques contra o gado dos camponezes. Poucas scenas ha tão horridamente sublimes como uma destas conflagrações, observando-se do alto das montanhas o progresso das chammas, e a alteração que soffre a apravel presença da natureza na invazão do elemento destruidor.—”

O grande naturalista sueco, Linneu, viu-se uma vez em grande estreiteza, e immediato perigo de vida, por um semelhante incidente. Este sabio o descreve com sua costumada energia n'uma de suas obras, e diz: *nessa occasião, além de muitos outros riscos, caiu uma arvore de assombrosas dimensões exactamente entre mim e o meu guia, nada mais d'um passo d'intervallo; mas ambos, graças a Deus, escapámos com perfeita segurança. “Lacchesis Laponica.”*

#### OBRAS EM CERA NA ANTIGUIDADE.

Os ANTIGOS tinham grandissimo numero d'obras miudas em cera, como os cunhos dos sellos, ou sinetes, a cera empastada para a pintura encaustica [ou a fogo], e o verniz de cera para as estatuas, e as paredes de marmore. Os gregos tinham uma classe de artistas, que rivalisavam com os estatuarios, e os fundidores em bronze, modelando em cera bellissimas figuras. Anacreonte cantou uma imagem do Amor fabricada de cera. “Meu pae [diz Luciano. tom. 1.<sup>o</sup> pag. 5.] ajuizava das minhas disposições para a escultura pelas obrinhas, que eu me divertia a fazer de cera. Quando saía da eschola escarafunchava em cera, e arranjava boisinhos, cavallos, ou figuras de gente. — Por Jupiter! são mui naturaes; affirmava meu pae, mas os mestres me desancavam com bordoadas.” O celebre comico Aristophanes falla, em *as nuvens*, de um brinco semelhante.

Sphæro, do Bosphoro, philosopho stoico e discipulo de Cleanthes, fôra chamado a Alexandria por Ptolemeu Philopator. Um dia, sustentava Sphæro a verdade das imagens recebidas pelas impressões dos sentidos: o rei, para o refutar, mandou lhe servissem um prato de romaãs de cera; o philosopho estendeu a mão para as comer, e logo Philopator o motejou de que illudido pelos sentidos fizera um juizo falso. Sphæro redarguiu immediatamente: Eu não julguei que fossem romaãs, julguei que era provavel que fossem romaãs; vai muita differença entre uma idéa positiva, e uma probabilidade.

Lampridio conta que o extravagante imperador Helio-gabalo, que tirannisou os romanos, se recreava em dar banquetes, onde mandava servir imitados em cera todos os manjares de que elle ía comendo. Levantada cada coberta, eram obrigados os convidados, segundo o uso, a lavar as mãos, como se as tivessem su-

jado; e depois lhes apresentavam um copo d'agua para ajudar a digestão.

*Introdução do uso dos leites de burra.* — O uso do leite de burra, hoje tão recommendado na Europa para as queixas de peito, e empregado com proveito, foi pela primeira vez introduzido em França por um judeu. Francisco 1.<sup>o</sup> achava-se muito fraco, e incommodado; as suas fadigas bellicasas, e os seus excessos o tinham chegado a um ponto de debilidade, que se aggravava quotidianamente; e os remedios nada lhe faziam, Fallaram então ao rei n'um judeu de Constantinopola, que adquirira a reputação de curar esta casta de molestias. Francisco 1.<sup>o</sup> ordenou logo ao seu embaixador na Turquia mandasse a París o doutor israelita custasse o que custasse. O judeu veio, e o unico remedio, que prescreveu foram leites de burra, com que o monarcha se restabeleceu; e desde então espalhando-se o seu uso ganharam a fama, que hoje tem. — Veja-se o que dissemos a este respeito no N.<sup>o</sup> 8, pag. 59, col. 1.<sup>a</sup>

*Uma lição de estylo na Persia.* — Varios officiaes inferiores de artilharia haviam apresentado ao primeiro ministro da Persia os seus requerimentos escriptos por um doutorago, e tão embrulhados em cumprimentos, e phrases sedicças e empoladas, que era empreza difficilissima o decifra-los, por maior que fosse a attenção do leitor. Mandou o ministro gratificar o doutor com duzentas bastonadas nas plantas dos pés, e depois que o misero escriptor recebeu a correccção, ordenou que o trouxessem á sua presença, e disse-lhe: “Um grão visir tem muito em que cuidar, e não lhe sobra tempo para lér os teus chochos palavrões, e desfazer o cahos dos requerimentos, que escreves. Emprega um estylo mais claro e simples, ou não escrevas para o público; aliás mandar-te-hei cortar as mãos.

*Commercio d'ovos entre a França e a Inglaterra.* — Os ovos de gallinha fazem um ramo mui extenso de commercio entre estes dois reinos. Grande numero d'embarcações de pequena letação andão exclusivamente empregadas em exporta-los para a Graã-Bretanha, que os recebe quasi unicamente por Londres e Brighton. De setenta e dois milhões d'ovos, que, uns annos por outros, entram de varios paizes, como dos Paizes-Baixos, das ilhas de Jersey e Guernesey, &c.; só a França fornece, á sua parte, cincoenta e cinco milhões, isto é, os sete oitavos da totalidade. Em França o preço de cada duzia no porto póde avaliar-se em pouco mais de 67 réis; e um jornal francez, attendido o preço e a exportação, calcula em 308 contos de réis a somma de que a Inglaterra se faz annualmente tributaria á França só neste artigo, que á primeira vista parece um genero de pouca monta. O direito d'entrada excede a pouco mais de 160 réis por cada 120 ovos, de fórma que a exportação destes da França paga ao fisco, ou rendas publicas britannicas, um imposto de mais de oitenta contos de réis. Cabe neste logar mencionar o extracto de uma nota de Mr. Legrand, membro da Sociedade Franceza de Estatistica, sobre a producção, consumo, e exportação d'ovos em França. De 1816 a 1822 a exportação subiu rapidamente de oito para nove milhões delles, a mais de cincoenta e cinco milhões, e em 1834 foi de 90 milhões. Em 1835 só para Inglaterra saíram acima de 76 ditos, e para outros reinos da Europa, Estados-Unidos, e outros paizes do mundo, perto de 500 mil ovos. A somma total das exportações deste anno montou a mais de 612

contos de réis, valor da nossa moeda. Ora só o consumo em París se achou ser de 101.152:400; e o do reino inteiro, incluindo a capital, avaliou-se em 7.231:160,000; porque em todo aquelle paiz se gastam muitissimos, sendo os ovos, e o leite iguarias forçadas em todas as mezas. Portanto ajunctando aquelle numero, o da exportação, e o dos necessarios para a reproducção, resulta ser o numero 7.380:925,000 a totalidade dos ovos de gallinha postos em França no decurso de todo o anno de 1835.

*Mulheres chins.* — Na China, a corpulencia nos homens é uma perfeição; porém nas mulheres um defeito. Teem estas as sobranceiras arqueadas de um modo muito particular — o que não é só obra da natureza, mas tambem da arte: — o rosto dellas geralmente mostra pouca esperteza; mas o que teem mais de notar é a excessiva pequenez dos pés, sobre tudo nas classes mais altas da sociedade. Nasce isto de lhos apertarem em caixas de páu muito pequenas, durante a infancia e a mocidade. Originou-se tal moda [segundo se refere nas Chronicas da China] ha alguns seculos, quando uma numerosa turba de mulheres se alevantou, com o intuito de derrubar o governo. Para obstar a que semelhante acontecimento se renovasse, poz-se por lei, que todas as mulheres se habituassem a trazer desde a infancia sapatos de madeira, tão apertados, que, sem muito padecimento, as pozesse em estado de não se poderem servir dos pés. Tão familiar se tornou este costume com o andar dos tempos, que um dos maiores attractivos que póde ter uma chim é um pé monstruosamente pequeno.

*Manual Encyclopedico do Sr. E. A. Monteverde.* — As obras destinadas a dar ás creanças as primeiras noções do universo, tanto intellectual como physico, são muito escaças no nosso paiz. Em França, na Allemanha, e principalmente em Inglaterra, a infancia tem a sua litteratura, simples, agradável e perceptivel, qual essa idade ha mister. Nestes dias nos veio á mão o *Manual Encyclopedico* do Sr. E. A. Monteverde, destinado ao uso das escholae de instrucção primaria, e folgámos de saber que já em algumas tinha sido admittido para aquelle fim.

Em breve volume dá o Sr. Monteverde a necessaria idéa da Moral, da Physica geral, da Historia da Natureza, da Ethnographia, da Grammatica portugueza, da Arithmetica, da Geographia, da Historia nacional, da Mithologia, e das Instituições sociaes: tudo por um modo claro, facil, e inteiramente ao alcance das intelligencias que começam a desenvolver-se. — Com o uso e conversação deste Manual ficarão as creanças habilitadas, para seguirem estudos mais assentados e profundos, e para entrarem no mundo não ignorando o valor de grande multidão de vocabulos, a que, sem esta instrucção primeira, não ligariam nenhuma idéa. E' este livro, portanto, um livro util e digno de ser recommendado; e esperamos que seu auctor o vá successivamente melhorando em subsequentes edições; louvando nós entretanto o seu zéllo pela educação publica, que tão desleixada e esquecida anda ha muitos annos em Portugal. Incitamo-lo tambem a proseguir em obras desta especie, as quaes não sómente lhe serão proficuas, mas, além disso, gloriosas.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua do Arsenal  
N.<sup>o</sup> 55 = 1.<sup>o</sup> andar.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.